

# ARTIS

NÚMERO/02  
ANO/2014

REVISTA DE HISTÓRIA DA ARTE E CIÊNCIAS DO PATRIMÔNIO

## COLECCIONADORES E COLEÇÕES

RIO DE JANEIRO

JERÔNIMO  
FERREIRA DAS NEVES

LISBOA

CALOUSTE  
GULBENKIAN

LISBOA

RICARDO  
ESPÍRITO SANTO SILVA

SÃO PAULO

ASSIS  
CHATEUBRIAND

CHAVES

NADIR AFONSO

RIO DE JANEIRO

LILY MARINHO





# AS PORCELANAS “PRIMEIRAS ENCOMENDAS” DA COLEÇÃO MEDEIROS E ALMEIDA

No outono da sua vida, em 1973, já viúvo e sem filhos, António Medeiros e Almeida (1895-1986) decide criar uma fundação com o objetivo de musealizar a sua coleção, salvaguardando a integridade e continuidade da mesma. Criada com entusiasmo, critério e paixão, esta casa-museu inaugurada em 2001 constitui o melhor legado de Medeiros e Almeida à sociedade portuguesa. No presente texto estuda-se apenas uma pequena fração desta vasta coleção. Especificamente, analisam-se cinco raras porcelanas de “azul e branco” integradas no restrito grupo das “primeiras encomendas”: um gócil com emblemas manuelinos; dois covilhetes com medalhões luso-chineses; uma taça com a inscrição “Avé Maria”; e um extraordinário gócil com as armas dos Peixotos (ou Sás?). Estas cinco peças são extremamente raras e possuem uma elevada importância histórica e cultural, sinalizando um momento chave do processo de mundialização iniciado no século XVI. Com as suas curtas inscrições em português, símbolos cristãos e heráldicos, estas peças corporalizam os primórdios do encontro cultural entre Portugal e a China.

## **The porcelain “first orders” of the Collection Medeiros e Almeida**

In the autumn of his life, in 1973, widower and childless, António Medeiros e Almeida (1895-1986) decides to create a foundation to convert his private collection in a museum, safeguarding its integrity and continuity. Built with enthusiasm, passion and discretion, this museum opened in 2001 is the best legacy of Medeiros e Almeida to the Portuguese society. In this paper we study only a small fraction of this vast collection. Specifically, we analyze five rare “blue and white” porcelains integrated into the restricted “first orders” group: a ewer with Manueline emblems; two large plates with Luso-Chinese medallions; a bowl with the inscription “Avé Maria”; and a ewer with the Peixotos (or Sás?) coat of arms. These five pieces are extremely rare and have a high historical and cultural importance, signaling a key moment of the process of globalization initiated in the sixteenth century. With their short inscriptions in Portuguese, Christians and heraldic symbols, these pieces materialize the beginnings of the cultural encounter between Portugal and China.







## INTRODUÇÃO

Se utilizarmos como critérios a memória do espaço habitacional, a relevância do património artístico e a coerência do projeto museológico, a casa-museu Medeiros e Almeida é uma das mais notáveis casas-museu de Portugal.<sup>1</sup> Estranha-se, por isso, que seja uma instituição cultural pouco conhecida, apesar da excelência da sua coleção e da sua localização invejável, em pleno centro de Lisboa, junto à Cinemateca Portuguesa e à Sociedade Nacional de Belas Artes.

A história desta casa-museu é a história de António Medeiros e Almeida (1895-1986), um empresário de ascendência açoriana que fez fortuna entre as décadas de 1940 e de 1960. A casa-museu, inaugurada em 2001, reúne as obras de arte que este colecionador adquiriu ao longo da vida. A diversidade de áreas abrangidas por esta coleção é enorme. Não sendo possível apresentar cada uma dessas áreas em pormenor, optámos por estudar apenas um núcleo constituído por cinco porcelanas de "azul e branco" que pertencem ao restrito grupo das chamadas "primeiras encomendas". Estas peças possuem uma enorme relevância histórica por assinalarem o início dos contactos diretos entre a Europa e a China, constituindo os primeiros exemplos de um profícuo intercâmbio comercial e cultural. Adquiridas por António Medeiros e Almeida entre 1959 e 1967, estas peças constituem o mais relevante conjunto de porcelanas deste tipo que existe em museus portugueses.

## O COLECCIONADOR

António Medeiros e Almeida (1895-1986) foi um dos grandes empresários portugueses do século XX, estando intimamente ligado ao regime do Estado Novo. Do casamento com Margarida Pinto Bastos, em 1924, não resultaram descendentes. Após enviuvar, em 1971, António Medeiros e Almeida decidiu criar uma fundação para musealizar a sua coleção, dotando-a de uma parte significativa do seu património.

Filho primogénito de um casal de açorianos integrados na burguesia lisboeta, retratados por Veloso Salgado em 1912, António Medeiros e Almeida procurou seguir as pisadas paternas, inscrevendo-se no curso de medicina da Universidade de Lisboa em 1914.<sup>2</sup> No ano seguinte transfere-se para a Universidade de Coimbra, frequentando o curso até 1921, sem nunca o concluir. Optando pelos negócios, Medeiros e Almeida embarca em direção à Alemanha em busca de experiência internacional, regressando algum tempo depois decidido a tornar-se importador de automóveis. Com esta opção Medeiros e Almeida aliava um negócio em crescimento à paixão que sentia pelos automóveis, tornando-se importador exclusivo da Morris em 1923.<sup>3</sup> Na sequência do falecimento do seu pai, em 1936, Medeiros e Almeida viu-se forçado a gerir também os negócios da família nos Açores. A importância estratégica que este arquipélago assumiu durante a II Guerra Mundial, sobretudo como plataforma logística das forças aliadas, foi aproveitada por Medeiros e Almeida para rentabilizar os negócios familiares, ligados à produção de álcool a partir da batata-doce e da beterraba, e as atividades das empresas do grupo açoriano Bensaúde & Co., Ltd., no domínio da agroindústria, da reparação e do transporte naval e aéreo. De facto, em 1941, perante o risco de uma invasão nazí, Vasco Bensaúde, de origem judia, convidou Medeiros e Almeida para seu sócio e nomeou-o administrador delegado das empresas do grupo, além de colocar em seu nome, provisoriamente, muitos dos seus ativos.<sup>4</sup>

Além dos negócios ligados aos automóveis, Medeiros e Almeida teve um interesse particular pelo transporte marítimo e aéreo. Em 1941 é um dos cinco fundadores da SATA, na altura designada SAEAL. Em 1948 compra a empresa Aero-Portuguesa e em 1953 integra-a na TAP, tornando-se, em contrapartida, o maior acionista individual desta companhia.<sup>5</sup> A sua ligação ao transporte

marítimo decorre da participação na Empresa Insulana de Navegação, uma empresa do grupo Bensaúde detentora do célebre paquete Funchal. Medeiros e Almeida foi ainda um dos grandes impulsionadores da construção do Hotel Ritz, em Lisboa, inaugurado em 1959, e do Hotel Alvor, construído na década de 1960.<sup>6</sup> O sucesso empresarial que conquistou ao longo da vida facultou-lhe os recursos para se tornar um grande colecionador, com a paixão, o vício e a obsessão inerentes,<sup>7</sup> tendo adquirido a maior parte das suas obras entre o final da Segunda Guerra Mundial e o início dos anos setenta do século XX.

## A COLEÇÃO

A coleção de Medeiros e Almeida enquadra-se num padrão centrado no gosto francês e na opulência das artes decorativas. É um tipo de coleção onde pontuam os *objets d'art* e os *objets de vertu*, e onde o aparato da escala se combina com a minuciosidade do trabalho artesanal. É um tipo de coleção que tem uma especial apetência pelo estilo Luís XV, bem representado por algumas cómodas, bem como pelas suas derivações revivalistas inspiradas no gosto *rocaille*. É uma coleção onde as guarnições de chaminé se multiplicam em vários tipos de suporte, nomeadamente em porcelanas de Sèvres. Uma coleção que alia às porcelanas da dinastia Ming (1368-1644) e Qing (1644-1911) um importante núcleo de terracotas das dinastias Han (206 a.C. - 220 d.C.), Wei (386-557) e Tang (618-906). Uma coleção onde os canapés e as cadeiras de estilo Luís XVI se combinam com diversos relógios de pedestal e de mesa produzidos nos séculos XVIII e XIX. Uma coleção com secretárias Boulle, a par de um considerável conjunto de relógios Breguet.

Em Portugal este tipo de coleção teve o seu apogeu nos finais do século XIX através do colecionador Tristão Correia de Queirós (1849-1917). O 1.º Marquês da Foz, de facto, ficou célebre pela opulência das festas que organizava e pela luxuosa decoração do seu palácio, aos Restauradores, tornando-a um modelo para a elite lisboeta. Neste tipo de coleção, da qual António Champallimaud (1918-2004) foi o derradeiro representante, praticamente não existe lugar para a arte contemporânea e raramente se recua para peças anteriores aos finais do século XVII. Com efeito, Medeiros e Almeida não teve qualquer interesse em adquirir obras de arte do seu tempo, à exceção de quatro ou cinco pinturas de Carlos Botelho realizadas na década de 1960, representando vistas tradicionais de Lisboa. Em todo o caso, se o eixo estruturante da coleção de Medeiros e Almeida é baseado no modelo francês, especialmente no estilo Luís XV e nos seus sucedâneos, um pouco à semelhança da coleção de Calouste Gulbenkian (1869-1955), existem também duas outras linhas orientadoras. Por um lado, uma cuidada seleção de peças de excelência produzidas em Portugal, ou relacionadas com Portugal, datando entre o início do século XVI e o final do século XVIII. Por outro lado, a constituição de um núcleo muito sólido de cerâmicas chinesas. Nesse sentido, é uma coleção que tem pontos de contacto com outras coleções de referência no panorama português, nomeadamente as de Anastácio Gonçalves (1889-1965), de Ricardo do Espírito Santo Silva (1900-1955) e de Abel Lacerda (1924-1957). Com efeito, também nestes colecionadores, especialmente os dois primeiros, encontramos uma forte apetência pela porcelana chinesa, ainda que seja apenas na coleção de Abel de Lacerda que podemos encontrar porcelanas de "azul e branco" do grupo das "primeiras encomendas".

<sup>1</sup> Agradecemos a Teresa Canceia Vilaça e Maria Lima Mayer da Casa-Museu Medeiros e Almeida, bem como ao conselho de administração da Fundação Medeiros e Almeida, as facilidades concedidas para a realização deste trabalho. A Luísa Vinhais, do antiquário Jorge Welsh, agradecemos o apoio bibliográfico e diversos esclarecimentos. Uma última nota para referir que este texto seria impossível sem os estudos publicados por Maria Antónia Pinto de Matos ao longo do último quarto de século, a quem prestamos o nosso tributo.

<sup>2</sup> RAMALHO, Margarida, VILAÇA, Teresa. - *O Triunfo de uma Vida. António de Medeiros e Almeida. 1895-1986*. Lisboa: Casa-Museu Medeiros e Almeida, p.13.

<sup>3</sup> Idem, pp.13-15, 26-27, 33.

<sup>4</sup> Idem, p. 37.

<sup>5</sup> Idem, p. 48.

<sup>6</sup> Idem, p. 54-55.

<sup>7</sup> "Casei em 1924 e logo comecei a ser atacado pelo vício do colecionador, mas em 1928 fui obrigado a suspender esse vício pois o negócio dos automóveis resultou num prejuízo". Idem, p.19.

## A PORCELANA DE "AZUL E BRANCO"

O grande impulso para a produção da porcelana de "azul e branco" ocorreu por volta de 1320, durante a dinastia Yuan (1279-1368), utilizando-se cobalto da região persa de Kashan, cuja qualidade era superior à do mercado interno.<sup>8</sup> Por essa altura, os oleiros chineses já dominavam o processo de mistura e preparação do óxido de cobalto permitindo o seu uso a temperaturas elevadas, juntando-se assim aos tradicionais óxido de ferro (amarelo-vermelhos) e óxido de cobre (verdes).<sup>9</sup> O minério do óxido de cobalto, que dá a cor azul destas porcelanas, depois de preparado e depurado, era aplicado a pincel sobre a porcelana crua e branca, devidamente seca, o que lhe permitia absorver uma parte da pintura e evitava os escorrimentos.<sup>10</sup> Sobre esta pintura era aplicado um vidro incolor, viscoso, e só depois a peça era levada à cozedura a altas temperaturas, especialmente nos célebres fornos de Jingdezhen na província de Jiangxi.<sup>11</sup> Nesse processo a cor acinzentada do cobalto torna-se azul e o vidro torna-se transparente, criando as notáveis peças de porcelana azul e branca que conhecemos.

Nos dois terços iniciais do século XIV, este tipo de porcelana teve uma enorme difusão no mercado islâmico, especialmente na Ásia Central e no Próximo Oriente.<sup>12</sup> Depois de um hiato na exportação destas peças, no início da dinastia Ming (1368-1644), assiste-se novamente a uma abertura ao exterior nos reinados de Yongle (1403-1424) e de Xuande (1424-1436), bem evidenciada nas mega-expedições marítimas do almirante Zheng-He, realizadas entre 1405 e 1433, destinadas a reforçar e alargar o complexo sistema tributário Ming.<sup>13</sup> Neste contexto a exportação destas porcelanas aumentou novamente, abrindo-se a porta à introdução de elementos decorativos islâmicos e de certas tipologias de objetos islâmicos feitos em vidro, metal ou faiança, como os *kendi*.<sup>14</sup> A forte islamização das cidades portuárias do Índico e do Sueste da Ásia ampliou o mercado de exportação para este tipo de peças. A crescente presença de funcionários islâmicos na administração chinesa, e o número elevado de mercadores islâmicos sedeados na China, criou também um mercado interno para as porcelanas adaptadas ao gosto islâmico, tanto na gramática ornamental como na utilização de inscrições em árabe ou persa, normalmente referentes aos versículos do Corão ou a súplicas piedosas.

A produção de peças plenamente adaptadas a culturas estrangeiras sofreu uma interrupção entre o final do reinado de Xuande e o início do reinado de Hongzhi (1488-1505). A renovação do mercado de exportação fora do sistema tributário, facilitada por este imperador, foi essencial para a entrada em cena dos portugueses, pois correspondeu a um crescimento da exportação de porcelanas para o Sueste da Ásia, a Ásia Central e o Próximo Oriente. Do mesmo modo, a produção de porcelana de "azul e branco" com caracteres árabes e persas destinadas ao mundo muçulmano, dentro e fora da China, constituiu um precedente fundamental para as encomendas portuguesas.<sup>15</sup> Habitados a produzir peças para o mercado islâmico, cuja decoração e funcionalidade pouco compreendiam, os oleiros chineses de Jingdezhen não terão estranhado os invulgares desenhos enviados pelos portugueses através de intermediários cantonenses.<sup>16</sup> De facto, a rapidez da transferência de motivos e de

tipologias de objetos europeus só é compreensível se tivermos em conta dois factos: a existência de circuitos de encomenda e de distribuição extremamente desenvolvidos e competentes; a grande capacidade da indústria porcelânica chinesa em adaptar-se à procura externa.

## AS PORCELANAS "PRIMEIRAS ENCOMENDAS"

Por "primeiras encomendas" identificam-se as primeiras peças de porcelana branca com pintura a azul de cobalto sob o vidro produzidas na China propositadamente para a clientela europeia. São peças que se reconhecem facilmente por incluírem elementos decorativos europeus ou por adotarem o formato de objetos europeus. São porcelanas distintas, portanto, das peças adquiridas inicialmente pelos navegadores portugueses na Índia, como as que Vasco da Gama comprou em Calicute, no Malabar, para o rei D. Manuel, em 1498,<sup>17</sup> ou como as que Pedro Álvares Cabral recebeu em 1501 do capitão de um navio que navegava para Meca, vindo de Cambaia, no Gujarat.<sup>18</sup> De facto, as fontes portuguesas de inícios do século XVI atestam o elevado número de porcelanas disponíveis para compra no mercado indiano,<sup>19</sup> o que corresponde, cronologicamente, a peças do reinado de Hongzhi (1488-1505).<sup>20</sup>

As porcelanas "primeiras encomendas" abarcam uma cronologia alargada. Iniciam-se através dos contactos estabelecidos com mercadores malaio, léquios e cantonenses em Malaca, na sequência da conquista desta importante plataforma comercial em 1511, continuam com a estabilização do entreposto português de Macau, a partir de 1557, e concluem-se com o início da produção da chamada *Kraakporselein*, a partir de c.1590, quase coincidindo com a chegada da concorrência holandesa ao mercado asiático a partir de 1600.<sup>21</sup> Portanto, são porcelanas criadas durante praticamente um século, sensivelmente, entre 1515 e 1600, tendo como características a sua cronologia recuada e a sua adaptação às especificações portuguesas. Na maior parte dos casos são peças que apresentam heráldica régia ou inscrições alusivas a mercadores portugueses ativos na Ásia oriental. As primeiras teriam por destino principal a coroa portuguesa em Lisboa, de onde eram redistribuídas na lógica do dom. As segundas circulavam, sobretudo, nas rotas do comércio intra-asiático onde os mercadores portugueses participavam ativamente, o que explica a presença destas peças em vários portos asiáticos, do Japão à Península Arábica.<sup>22</sup>

A produção destas porcelanas "primeiras encomendas" foi realizada, portanto, em três fases distintas: 1.ª) o período dos primeiros contactos (1511-1522); 2.ª) o período do comércio clandestino (1522-1557); 3.ª) o período posterior à implantação de Macau (1557-1600). Hoje em dia subsistem apenas algumas dezenas de porcelanas deste tipo, sendo raríssimos os exemplares da primeira fase.

Existem duas teorias em relação à produção das porcelanas da primeira fase. Uma delas considera que as primeiras peças terão sido realizadas diretamente durante a desventurada embaixada de Tomé Pires ao imperador chinês Zhengde (1506-1521), que se prolongou de 1517 a 1521. Um dos argumentos desta teoria assenta no facto de o embaixador, autor da *Suma Oriental*, se ter deslocado até Cantão numa frota de oito embarcações cheias de pimenta, tendo Fernão Peres de Andrade por capitão e o florentino Giovanni da Empoli como feitor.<sup>23</sup> Deste modo, nesses 4 anos, até à morte do imperador Zhengde, os portugueses poderiam ter encomendado em Cantão as primeiras porcelanas que apresentam as armas de D. Manuel.<sup>24</sup>

A segunda teoria considera que estas peças seriam encomendadas pelos portugueses através de redes comerciais que ligavam o Sueste da Ásia à China. A conquista de Malaca, em 1511, permitiu

<sup>8</sup> MATOS, Maria A. - *Cerâmica da China*. Coleção RA. Vol. 1. Lisboa: Jorge Welsh Books, 2011, p. 49.

<sup>9</sup> MEDLEY, Margaret. *The Chinese Potter. A practical history of Chinese ceramics*. Londres: Phaidon, 1999, pp. 177.

<sup>10</sup> MATOS, Maria A. - A porcelana chinesa na Coleção Amaral Cabral. In MATOS, Maria A., ed. - *Azul e Branco da China. Porcelana ao tempo dos Descobrimentos*. Coleção Amaral Cabral. Lisboa: IPM, 1997, pp. 27-43.

<sup>11</sup> MATOS, Maria A. - *Porcelana Chinesa da Fundação Carmona e Costa*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2002, p. 11.

<sup>12</sup> CARSWELL, John. - Free for All: Blue-and-White in 1500. In *Oriental Art*, 47, n. 5 (2002/03), pp. 10-19, especificamente p. 13.

<sup>13</sup> BARRETO, Luís F. - *Macau: Poder e Saber. Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Presença, pp. 38-39.

<sup>14</sup> CARSWELL, John. - Free for All ..., p. 11.

MATOS, Maria A. - *Cerâmica da China* ..., p. 49.

<sup>15</sup> MATOS, Maria A. - A porcelana chinesa na Coleção Amaral ..., p. 35. MATOS, Maria A. - *Cerâmica da China* ..., p. 51.

<sup>16</sup> Em todo o caso, alguns autores sugerem que a supervisão de certas peças mais adaptadas ao gosto islâmico eram feitas por estrangeiros. MATOS, Maria A. - *Cerâmica da China* ..., p. 49.

<sup>17</sup> DIAS, Pedro. - *Heráldica Portuguesa na Porcelana da China Ming*. Porto: VOC Antiguidades, 2010, p. 21.

<sup>18</sup> MATOS, Maria A. - Chinese porcelain in Portuguese written sources. In *Oriental Art*, 47, n. 5 (2002/03), pp. 36-40, especificamente p. 37.

<sup>19</sup> MATOS, Maria A. - Chinese porcelain in Portuguese ..., p. 36.

<sup>20</sup> CARSWELL, John. - Free for All ..., especificamente p. 19.

<sup>21</sup> Optamos por este limite cronológico por considerarmos que a partir de 1600, com a estabilização de Macau e com a entrada em cena dos holandeses, a expressão "primeiras encomendas" deixa de ser adequada. No entanto, os especialistas em porcelana entendem o limite até ao final da dinastia Ming. MATOS, Maria A. - *Cerâmica da China* ..., pp. 133-134.

<sup>22</sup> Teresa Canepa refere a descoberta de três fragmentos de um covilhetes deste tipo junto da residência de um dálmio em Osaca, num estrato arqueológico correspondente a 1580-98, apresentando o escudo real português e o símbolo IHS dentro de uma coroa de espinhos. De igual modo, a aquisição de peças deste tipo durante o século XIX numa região que se estende do Golfo Pérsico ao Mar Vermelho, indicia a dispersão destas porcelanas por um espaço bastante extenso. CANEPA, Teresa. - Covilhetes com esfera armilar de El-rei D. Manuel I de Portugal. In VINHAI, L. e WELSH, J., eds. - *Arte Expansionista. Objectos contemporâneos e posteriores*. Lisboa: Jorge Welsh Books, 2009, pp. 76-83, especificamente p. 81.

<sup>23</sup> BARRETO, Luís F. - *Macau: Saber e Poder* ..., pp. 58-61.

<sup>24</sup> Segundo Clare Le Corbeiller isto poderia explicar a diferença de qualidade verificada entre algumas destas peças, sendo de melhor qualidade as da primeira fase, e de menor qualidade as da segunda fase. CORBEILLER, Clare. - *China Trade Porcelain: patterns of exchange*. Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art, 1974, pp. 12-16.



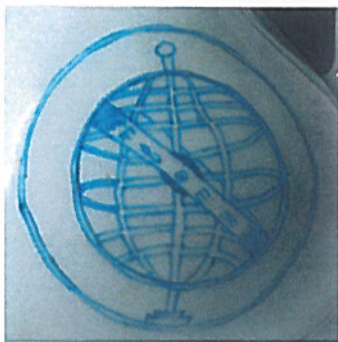
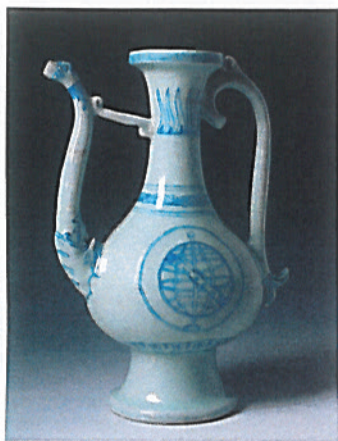


FIG. 1\ Gomil com esfera armilar e escudo régio português  
FIG. 2\ Pormenor

aos portugueses ter acesso às rotas mais importantes do comércio intra-asiático, ligando a Ásia Oriental à Ásia do Sueste e ao Índico Oriental. A partir dessas redes, e nelas participando, os portugueses podiam fazer encomendas aos mercadores cantonenses que depois as conduziam até Cantão e daí até aos centros de produção situados no interior. Em certos casos, essas encomendas podiam incluir a entrega de objetos de origem europeia para serem copiados em porcelana. Noutros casos, enviavam-se imagens e inscrições em papel para servirem de modelo à pintura das porcelanas. É certo que desde 1513 mercadores e aventureiros como Jorge Álvares ou Rafael Perestrelo tinham aportado nos arredores de Cantão, transportados em navios malaios, léquios e cantonenses. Eventualmente, nessa altura, poderiam ter encomendado porcelanas com elementos portugueses.

Independentemente das divergências em relação ao modo como se processou a produção inicial das “primeiras encomendas”, a interdição dos portugueses frequentarem portos chineses, decretada em 1522, terminou com os contactos diretos em Cantão. As encomendas passavam a ser entregues em Malaca a comerciantes cantonenses, que no ano seguinte traziam os produtos e os bens encomendados, a exemplo do que relata Jorge Cabral, capitão dessa praça, em 1527.<sup>25</sup> De resto, o regime da encomenda personalizada medida era uma realidade no comércio do Sueste asiático, muito atento ao fenómeno da moda. Por exemplo, no início do século XV, quando os mercadores indianos regressavam de Malaca com as encomendas de vestuário de algodão para o ano seguinte, muito dele produzido em Bengala, os seus parceiros malaios não só lhes indicavam as quantidades desejadas como enviavam também desenhos com os padrões a aplicar nessas roupas.<sup>26</sup>

### GOMIL COM ESFERA ARMILAR E ESCUDO RÉGIO PORTUGUÊS

Definido o enquadramento histórico das “primeiras encomendas”, e destacada a relevância histórica e cultural destas peças, vejamos as cinco porcelanas deste tipo que Medeiros e Almeida adquiriu para a sua coleção. Começamos por analisar um elegante gomil em porcelana branca com esfera armilar pintada a azul de cobalto sob o vidrado, medindo 26,4 cm de altura FIG. 1. A aparência leitosa deste gomil é acentuada pelo tom suave da decoração, num azul muito pálido, quase cinzento claro, e pelo recurso moderado aos elementos decorativos. Destinado, provavelmente, a bebidas de infusão, é um objeto ao qual apenas falta a tampa em metal.

O gomil apresenta um pé alto, oco e ligeiramente cónico, com um bojo piriforme e um gargalo alto que alarga em direção à boca de forma redonda. Possui um bico em “S”, alongado, que arranca do bojo e se liga ao gargalo por uma pequena ponte quase reta. A asa do gomil tem uma pequena argola, ou anel, na parte mais alta, que servia para fixar o cordão que prendia a tampa, e termina em cauda de peixe na zona do bojo. Esta peça foi realizada ao torno, numa pasta pesada e espessa, e resulta da junção de duas partes distintas, sendo a linha de costura facilmente visível a meio do bojo.<sup>27</sup> Numa das faces, sobre uma das esferas armilares, a peça apresenta um pequeno defeito na pasta. No interior do pé a peça tem a marca apócrifa do imperador Xuande (1425-1435), inscrita num duplo círculo em quatro caracteres dispostos em duas colunas.

Este gomil é uma peça particularmente interessante pela aparência liquefeita do corpo, de um brilho leitoso, ligeiramente esverdeado, e pelo equilíbrio alcançado entre o suporte e o comedimento da decoração. Não obstante o traço hesitante, por vezes informe, sobretudo nas linhas curvas de maior amplitude, importa sublinhar a sobriedade da decoração e o modo simples como se liberta a superfície para a apreciação da volumetria do gomil. A elegância da peça é visível, por exemplo, no modo como os dois medalhões com a esfera armilar se coadunam ao formato da peça. Definidos por um duplo círculo, estes medalhões enquadram-se, por sua vez, no perfil curvo da peça FIG. 2. Num processo de redução progressiva, o bojo esférico, de perfil circular, enquadra o duplo círculo que constitui a moldura da reserva. No interior desta, por sua vez, está pintada a esfera armilar, ela própria, por definição, dotada de um corpo esférico. A simetria e a sequencialidade destes círculos sucessivos são acentuadas pela presença de um eixo vertical, constituído pela haste que sustenta a esfera, e pela banda diagonal da eclíptica onde constam cinco letras deturpadas.

No que se reporta ao formato, esta peça corresponde a um modelo totalmente chinês, sendo produzido desde a dinastia Yuan.<sup>28</sup> De acordo com Margaret Gristina, este modelo caracteriza-se por apresentar um corpo em forma de pera, por ter um bico em “S” e por ter uma asa em forma de orelha.<sup>29</sup> Segundo a mesma autora, nos inícios do século XVI dá-se um alongamento geral da peça, através de um gargalo mais longo e de um pé mais elevado. Na mesma altura as curvaturas do bico e da asa tornam-se mais refinadas e introduz-se uma cabeça de dragão estilizada na junção entre o bojo e o arranque do bico.

No que se refere à decoração, esta peça apresenta elementos chineses, europeus (duas esferas armilares) e outros de origem híbrida. Em relação a estes últimos o melhor exemplo é dado pelo recurso a duas cabeças de animais ferozes. O princípio aplicado na peça é o mesmo que regia a arte europeia, onde o arranque ou o término de saliências cilíndricas era feito através da boca aberta de dragões ou de outros animais ferozes, representados apenas pela cabeça. Esta solução encontra-se no arranque de nervuras de edifícios medievais, nos bocais de certas peças em metal, como espingardas e outras armas de fogo, ou mesmo nos olifantes luso-africanos.<sup>30</sup> Este gomil apresenta duas cabeças deste tipo: uma na extremidade do bico da peça, moldada em relevo; e outra a meio do bojo, disfarçando o arranque do bico, com a bocarra aberta, dentes bem saliente, olhos esbugalhados



FIG. 3\ Covilheta “fónixes”

FIG. 4\ Covilheta “poénia”

<sup>25</sup> LOUREIRO, Rui. – Portugal em demanda da China: viagens e mercadorias, imagens e vivências. In MATOS, Maria A., ed. – *Azul e Branco da China. Porcelana ao tempo dos Descobrimentos. Coleção Amador Cabral*. Lisboa: IPM, 1997, pp. 13-26, especificamente p. 18.

<sup>26</sup> POMERANZ, Kenneth, TOPIK, Steven. – *The World that Trade Created. Society, culture, and the world economy*. Nova Iorque: M. E. Sharpe, pp. 233-236.

<sup>27</sup> DIAS, Pedro. – *Heráldica Portuguesa...*, p. 33.  
<sup>28</sup> GRISTINA, Margaret. – Ol. Ewer. In SANTOS, A. V., ed. *Portugal na Porcelana da China: 500 anos de comércio*. Vol. 1. Lisboa: Artemágica, 2007, pp. 98-99. Existem teorias diferentes em relação à origem desta tipologia. Por exemplo, Pedro Dias considera que o oleiro chinês se baseou num gomil português, ou europeu, provavelmente feito em metal. DIAS, Pedro. – *Heráldica Portuguesa...*, p. 35.

<sup>29</sup> GRISTINA, Margaret. – Ol. Ewer... p. 99.  
<sup>30</sup> AFONSO, Luís, HORTA, José, MARK, Peter. – Olifantes afro-portugueses com cenas de caça, c.1490-c.1540. *Artis. Revista de História da Arte e Ciências do Património*, 1 (2013), pp. 20-29, especificamente p. 24.



## COVILHETE "FÉNIXES" E COVILHETE "PEÓNIA"



FIG. 5V Covilhete "fénixes" (verso)

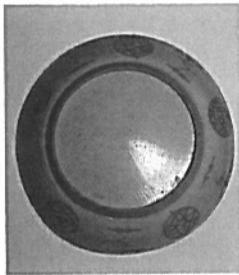


FIG. 6V Covilhete "peónia" (verso)

e orelhas pequenas. Os elementos decorativos especificamente chineses encontram-se na marcação do remate em cauda de peixe da asa e nos cinco emolduramentos que marcam a transição, em altura, das diferentes partes do gomil. Na zona inferior do bojo, a anteceder o pé, representam-se painéis de lótus simplificados. Na zona que marca o final do bojo, e o início do gargalo, o oleiro pintou um colar clássico de *ruyi*, delimitado por duas linhas paralelas muito finas. A zona mais estreita do gargalo marca o arranque de uma banda de chamás que disfarça a união da asa e da ponte ao gomil. Finalmente, o rebordo do bocal é pintado com um esbatido motivo de meandros.

Existem mais três gomis semelhantes a este. Um deles, também com 26,4 cm de altura, pertenceu ao arquiteto José Cortez e foi exibido em Londres na "Exposição de Arte Portuguesa 800/1800", realizada em 1955 na Royal Academy. Poucos anos depois esta peça foi levada à praça através da leiloeira "Leiria & Nascimento", em Novembro de 1960, com o lote 150.<sup>31</sup> Mais tarde o gomil viria a integrar a coleção do comandante Alpoim Calvão, permanecendo hoje num colecionador privado português. A peça apresenta o anel quebrado, tem uma pequena falha na asa e a ponte de ligação do bico ao gargalo encontra-se quebrada.<sup>32</sup> Outro gomil do mesmo género, embora mais pequeno, com 18,7 cm de altura, encontra-se na coleção do Banco Espírito Santo, tendo a particularidade de apresentar a marca do reinado de Zhengde (1505-1521).<sup>33</sup> Finalmente, a coleção RA tem também um gomil deste tipo, muito idêntico ao anterior, quase com as mesmas medidas, 18,6cm de altura, e também com a marca do reinado de Zhengde em quatro caracteres.<sup>34</sup> Tendo em conta que o gomil da coleção Medeiros e Almeida apresenta uma inverosímil inscrição do reinado de Xuande, não há razões para colocar em dúvida a autenticidade da marca patente nestes dois últimos gomis.<sup>35</sup> Assim, pela sua forma e pela sua decoração, este jarro é também uma das peças mais antigas que testemunham o encontro entre Portugal e a China, na medida em que poderá ter sido realizada entre 1513 e 1521, portanto ainda no reinado do rei português D. Manuel (1495-1521) e do imperador chinês Zhengde (1505-1521).

Esta peça foi adquirida em Londres num leilão da Sotheby's realizado no dia 7 de Fevereiro de 1967. A peça foi levada à praça com o lote 94, tendo sido arrematada por 5.000£. O gomil foi comprado pelo antiquário português António Costa, agindo como intermediário de António Medeiros e Almeida.<sup>36</sup> Nesse catálogo nada é dito a respeito da proveniência desta peça, pelo que não é possível documentar o historial da mesma.<sup>37</sup>

Feitos numa porcelana mais espessa, sem marcas dinásticas na base, e com um vidro de pior qualidade, provocando um efeito granuloso, provavelmente devido à presença de bolhas de ar durante a cozedura, estes dois covilhetes, ou pratos covos, têm dimensões muito aproximadas, respetivamente 7,5 cm por 30,5 cm e 7,9 cm por 30,9 cm. Na zona central um dos covilhetes apresenta um par de fénixes voando em direções contrárias no meio de duas flores de lótus estilizadas e folhagens aquáticas (FIG. 5). O outro apresenta uma decoração de enrolamentos florais simplificados, e estilizados, tendo por centro o que aparenta ser uma peónia de pétalas espiraladas, rodeada por painéis de lótus com rebentos seguida por outros motivos estilizados (FIG. 4). Mais interessante é o tardoz destes covilhetes, cada um com cinco medalhões. No primeiro (FIG. 5), os medalhões representam a esfera armilar por duas vezes, o escudo régio português, e duas paisagens chinesas tradicionais com animais. No segundo (FIG. 6), o tardoz representa a esfera armilar, por duas vezes, o escudo régio português, por duas vezes também, e uma paisagem chinesa.

Estes covilhetes integram-se num grupo constituído por pouco mais de uma dúzia de peças,<sup>38</sup> cujas dimensões andam na casa dos 30 centímetros de diâmetro. Tanto um como outro têm pares muito semelhantes na coleção RA, devendo ter sido realizados no mesmo forno e pelo mesmo artesão.<sup>39</sup> No tardoz os covilhetes deste grupo tendem a combinar motivos europeus, nomeadamente símbolos religiosos ou heráldicos, com motivos paisagísticos chineses. A decoração central destes covilhetes é variável, incluindo dragões alados, camélias e leões budistas a brincar com bolas de brocado. De uma maneira geral, a pintura destes covilhetes é um tanto ou quanto apressada e descuidada, especialmente no tardoz. Apenas dois dos covilhetes deste grupo possuem marcas de reinado, um ostenta uma marca apócrifa referente ao reinado de Xuande (1426-1435) e outro apresenta uma marca de reinado de Zhengde (1506-1521). No passado, a maior parte dos especialistas apontavam para uma cronologia situada no reinado de Jiajing (1522-1566). Atualmente, na sequência dos estudos de Maria Antónia Pinto de Matos, considera-se mais provável a sua realização ainda no reinado de Zhengde.<sup>40</sup>

As duas peças em apreço foram adquiridas em leilão nos anos de 1960.<sup>41</sup> O covilhete "fénixes" foi arrematado por 4200£ num leilão da Sotheby's, realizado em Londres no dia 7 de Fevereiro de 1967, onde constava com o lote 93. Este lote foi licitado pelo antiquário português António Costa, agindo como intermediário de Medeiros e Almeida. Quanto ao covilhete "peónia", a sua aquisição por 1450£ foi feita também num leilão da Sotheby's, realizado em Londres no dia 30 de Junho de 1964, onde era o lote 44. Neste caso o licitador foi o antiquário Ronald A. Lee, agindo em nome de Medeiros e Almeida.

## TAÇA "AVÉ MARIA"

Esta taça alta, com 10,8 cm, e relativamente larga, com 25,5 cm, apresenta um vidro ligeiramente azulado (FIG. 7). Tem a particularidade de apresentar uma rara inscrição mariana em latim, no interior da aba recurva, caligrafada uma só vez em maiúsculas espaçadas e carregadas de tinta: "Ave Maria Gracia Plena". Esta referência à Anunciação testemunha de forma eloquente a chegada do cristianismo à Ásia Oriental. É possível, aliás, que esta peça seja uma encomenda realizada pelos primeiros missionários com atividade nesta zona do mundo. Mas dada a impossibilidade de separar a dimensão religiosa da identidade dos mercados portugueses, não se estranharia a encomenda de uma peça de clara devoção cristã por parte de um leigo. No tardoz da taça, em três dos seus quatro medalhões, encontram-se mais algumas evidências de uma encomenda portuguesa, representando-se: a esfera armilar portuguesa, pintada com uma fidelidade notável no sombreado da banda diagonal; o monograma do nome de Jesus, IHS, inscrito numa coroa de espinhos; o escudo real

<sup>31</sup> Adquirido pelo antiquário António Costa por 95 contos (Artes & Leilões, Abril/Maio, 1990, p. 61-62).

<sup>32</sup> MATOS, Maria A. - 1. Gomil. In CALVÃO, João, ed. - *Caminhos da Porcelana. Dinastias Ming e Qing*. Lisboa: Fundação Oriente, 1998, pp. 134-135.

<sup>33</sup> Peça adquirida em 1999, em Londres, pelo Banco Espírito Santo, que a cedeu ao Museu da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva.

ANTUNES, Mary. - *Porcelanas*. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1999, p. 22.

<sup>34</sup> MATOS, Maria A. - *Cerâmica da China* ..., p. 144-147.

<sup>35</sup> MATOS, Maria A. - Macao and porcelain for the Portuguese market. *Oriental Art*, 46, n.3 (2000), pp. 66-75.

<sup>36</sup> Arquivo da Casa-Museu Medeiros e Almeida, pasta referente às porcelanas Ming.

<sup>37</sup> Um mês depois do leilão, foi publicada uma reportagem sobre esta e outra do mesmo género, afirmando que ambas foram compradas por um colecionador português que pretendia exibi-las ao público no futuro. *Diário Popular*, 9 de Março de 1967, "Obras de arte em trânsito?", p. 8.

<sup>38</sup> CANEPA, Teresa. - Covilhete com esfera armilar ..., pp. 76-83.

<sup>39</sup> MATOS, Maria A. - *Cerâmica da China* ..., p. 148-151.

<sup>40</sup> MATOS, Maria A. - *Cerâmica da China* ..., p. 150. Opinião partilhada também por Pedro Dias, DIAS, Pedro. - *Heráldica Portuguesa* ..., pp. 35-36.

<sup>41</sup> Arquivo da Casa-Museu Medeiros e Almeida, pasta referente às porcelanas Ming.



FIG. 7A. Taça Avé Maria (fundo)



FIG. 7B. Taça Avé Maria (escudo)

<sup>41</sup> Uma das taças, conservada na coleção Carmona e Costa, apresenta a inscrição repetida duas vezes, pelo que as letras ficam mais apertadas (MATOS, Maria A. - *Porcelana Chinesa da Fundação...*, p. 38-42). Outra taça de tipologia decorativa distinta, com enrolamentos de peónias, pertencente à coleção brasileira RA e vinda da coleção do Comandante Alpoim Calvão, apresenta a inscrição em melhor caligrafia e mais desenhada, mas com mais erros: "Aver Amaria Gracia Plena Dominum" (GRISTINA, Margaret. - 15. Bowl. In SANTOS, A. V., ed. *Portugal na Porcelana da China* ..., pp. 146-147. MATOS, Maria A. - *Cerâmica da China* ..., p. 154). A mesma coleção possui outra taça do mesmo tipo com a particularidade de apresentar a inscrição no exterior do bordo recurvo, com pior caligrafia, e repetida por duas vezes (GRISTINA, Margaret. - 13. Bowl. In SANTOS, A. V., ed. *Portugal na Porcelana da China* ..., pp. 138-141. MATOS, Maria A. - *Cerâmica da China* ..., pp. 156-159). A taça do Peabody Essex Museum, em Salem (EUA), com problemas semelhantes na reprodução da inscrição, tem a particularidade de ter sido adquirida no Japão e conter um restauro em laca de ouro junto à base (MATOS, Maria A. - *Cerâmica da China* ..., p. 159).

<sup>42</sup> KRAHL, Regina. - 150 Taça. In LEVENSON, Jay et. al. (eds). - *Encompassing the Globe. Portugal e o Mundo nos Séculos XVI e XVII*. Lisboa: MNA, 2009, p. 328-329.

português, pintado de pernas para baixo; e uma paisagem com rochas, nuvens e animais, à maneira chinesa. Os medalhões são intervalados por crisântemos estilizados com hastes serpenteantes que definem uma mancha triangular, encostadas ao limite superior e inferior do tardo, entre uma faixa horizontal de meandros vegetalista e outra com cabeças de *ruyi*, acomodando na perfeição os medalhões e criando um excelente equilíbrio compositivo (FIG. 8).

O interior da taça, por sua vez, é pautado por um enorme retraimento decorativo. A inscrição mariana corre apenas na zona superior da taça, numa estreita faixa que corresponde à pequena aba recurva da peça. Daí para baixo, até ao fundo, não existe qualquer interferência na brancura da porcelana. O fundo da taça é marcado por três círculos concêntricos que delimitam a representação de um leão a brincar com uma bola de borcado e fitas ondeantes. Ou seja, a oração mariana no bordo interior e o medalhão do tardo com o monograma IHS combinam-se com a representação de um símbolo budista pintado no local mais nobre e visível da peça. Esta junção de símbolos de duas religiões tão diferentes não representa nenhum sinal de um eventual sincretismo religioso. Mostra-nos, sim, o grau de desconhecimento cultural mútuo que assinala o primeiro período do encontro entre europeus e chineses. Mostra-nos, igualmente, a relativa indiferença dos centros de produção de porcelana em relação aos motivos decorativos da sua clientela estrangeira, estando preocupados unicamente em pintá-los da forma mais rigorosa possível. De facto, não podemos saber qual o sentido que cada povo daria aos símbolos culturais do outro, nem dos equívocos que daí decorriam, sendo mais provável que tanto uns como outros fossem sensíveis, essencialmente, à dimensão decorativa desses motivos.

Existem apenas mais quatro taças semelhantes a esta, das quais apenas duas têm medalhões idênticos no tardo.<sup>42</sup> A tipologia desta peça é muito semelhante a um conjunto de taças e escudelas (estas de menores dimensões) com uma inscrição em português no bordo interior, onde consta a data de 1541 e o nome de Pêro de Faria, capitão da praça de Malaca entre 1539 e 1543: "Em

tempo de Pêro de Faria de 1541". Deste modo, é claramente apócrifa a marca do reinado de Xuande (1426-35) que se encontra na base desta taça, em seis caracteres dispostos em duas colunas dentro de duplo círculo. A data desta peça, portanto, é igual, ou próxima, à que consta nas taças ditas de Pêro de Faria, pelo que terá sido realizada em meados do reinado de Jiajing (1522-1566). Os fornos que produziram estas taças com símbolos cristãos e portugueses realizaram também taças com a mesma tipologia e esquema compositivo, mas com duas diferenças: a inscrição do bordo é em árabe e os medalhões do tardo são preenchidos com texto na mesma língua.

Esta taça enquadra-se, pois, na segunda fase de produção das "primeiras encomendas", correspondendo às porcelanas produzidas entre 1522 e 1557, portanto num período de comércio ilegal. O número razoável de peças que subsistem deste período atesta o alcance limitado da proibição do comércio com os portugueses. Os motivos decorativos e iconográficos portugueses, bem como as inscrições textuais, seriam enviados em papel através de vários intermediários. Este procedimento manteve-se após o estabelecimento dos portugueses em Macau, em 1557. A aquisição de porcelanas junto dos fornos chineses continuava a ser realizada por comerciantes de Cantão, com os quais os portugueses e outros estrangeiros negociavam as encomendas, seguindo o mesmo tipo de procedimentos para a personalização das encomendas.

Esta taça pertenceu à coleção do Duque de Leeds<sup>43</sup> e foi adquirida por Medeiros e Almeida num leilão da Sotheby's, realizado em Londres a 20 de Junho de 1961, onde surge com o lote 25. A peça foi arrematada por 1800£ por Peter Vaughan, do antiquário John Sparks, agindo em nome de Medeiros e Almeida.



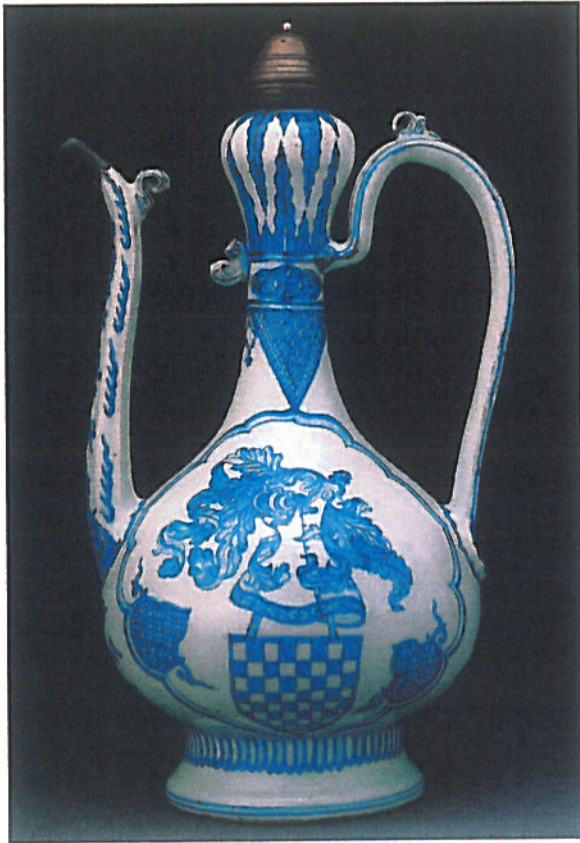


FIG. 9\ Gomil "Peixotos"



FIG. 10\ Gomil "Peixotos" (pormenor)

## GOMIL "PEIXOTOS"

Rematada com uma tampa metálica posterior, esta peça com 33,5 cm de altura apresenta um bojo piriforme e tem o gargalo terminado em forma de bolbo, duas características que revelam uma evidente influência islâmica que, aliás, se prolonga na presença de vários elementos decorativos FIG. 9. Este gomil apresenta a asa em orelha e o bico em ligeiro "S", rematado por um acrescento metálico. A ponte que unia o bico ao gargalo está quebrada, subsistindo apenas os arranques da mesma. É possível ver duas linhas de junção nesta peça, uma sobre o brasão e outra na parte superior do bolbo, correspondentes ao seu processo de fabrico. Em comparação com as peças anteriores, a pintura desta peça é a que apresenta maior qualidade, pela intensidade e pelos matizes da cor, e pelos detalhes do desenho.

Este gomil tem a particularidade de congregar três culturas artísticas muito diferentes: a chinesa, a islâmica e a portuguesa. A componente chinesa encontra-se na produção da peça, naturalmente, e em alguns elementos decorativos, nomeadamente os painéis de lótus muito simplificados que marcam a separação entre o pé e o bojo do gomil, as folhagens que decoram o bolbo ou as chamas ondeantes, contínuas, que se espriam ao longo do bico. A presença islâmica, por sua vez, encontra-se na tipologia da peça, numa série de apontamentos decorativos e, sobretudo, nas soluções compositivas. As duas faces do bojo são delimitadas por dois enormes medalhões polilobulados, muito habituais na arte islâmica, donde nascem, em cada lado, dois grandes florões estilizados, de preenchimento semelhante ao padrão têxtil triangular presente no gargalo, decorado com borlas e cordões.<sup>44</sup> A influência portuguesa identifica-se na presença de um elaborado brasão de armas, muito bem reproduzido na porcelana, dotado de escudo, elmo e paquífe FIG. 10. Este brasão tem sido identificado como o de António Peixoto,<sup>45</sup> o primeiro mercador português a alcançar o Japão em 1543, juntamente com António da Mota e Francisco Peixoto, ou em alternativa como o de D. Garcia de Sá, governador da Índia entre 1548 e 1549.<sup>46</sup> Na base deste gomil encontra-se a marca do reinado de Jiajing (1522-66) em seis caracteres distribuídos em duas colunas, tal como sucede no gomil gémeo deste que se encontra no Victoria & Albert Museum.

Esta peça foi adquirida por 340€ num leilão da Sotheby's realizado em Londres no dia 9 de Junho de 1959, constituindo o lote 21. A peça provinha da coleção de Betty Rothenstein Holiday, filha do pintor inglês Sir William Rothenstein (1872-1945). Foi licitada para António Medeiros e Almeida pelo antiquário John Mitchell.

## CONCLUSÃO

No outono da sua vida, em 1973, já viúvo e sem filhos, António Medeiros e Almeida decide criar uma fundação com o objetivo de musealizar a sua coleção, salvaguardando a integridade e continuidade da mesma.<sup>47</sup> O exemplo bem-sucedido de outras coleções privadas que foram musealizadas, dentro do regime fundacional, como sucedeu com Calouste Gulbenkian, Ricardo Espírito Santo Silva ou Abel de Lacerda, terão influenciado o modelo escolhido por Medeiros e Almeida. O empresário teve o cuidado de garantir a sustentabilidade desta instituição, dotando-a de um património relevante que lhe garante total autonomia e independência. Criada com entusiasmo, critério e paixão, esta casa-museu constitui o melhor legado de Medeiros e Almeida à sociedade portuguesa.

As porcelanas de "azul e branco" integradas no grupo das "primeiras encomendas" que estudamos são peças de extrema raridade e de elevado valor histórico e cultural, sobretudo para um país como Portugal. O facto de a coleção Medeiros e Almeida possuir cinco exemplares deste tipo constitui, por si só, um facto muito significativo. Se a opção que tomámos não faz justiça à diversidade de peças que formam esta coleção, tem pelo menos o mérito de demonstrar, com clareza, a excepcionalidade de algumas das peças que a constituem. O gomil com os emblemas manuelinos, os dois covilhetes com medalhões luso-chineses, a taça "Avé Maria" e o extraordinário gomil com as armas dos Peixotos (ou Sás?) constituem obras ímpares, de elevada importância histórica e cultural, que sinalizam um momento chave do processo de mundialização iniciado no século XVI.

<sup>44</sup> Existem vários exemplares deste tipo de gomil com decoração islâmica ou europeia, muitos deles conservados ou adquiridos no mundo persa e otomano. MATOS, Maria A. - *Cerâmica da China ...*, p. 164.  
<sup>45</sup> MATOS, Maria A. - *Porcelanas de encomenda. História de um intercâmbio cultural entre Portugal e a China. Ocenãos*. 14 (1993), pp. 40-56, especificamente p. 47.  
<sup>46</sup> Segundo Pedro Dias D. Garcia de Sá tinha larga experiência asiática. Tendo embarcado para o Oriente em 1518 foi capitão de Malaca em 1533, capitão de Diu e de Baçaim, onde foi responsável pela edificação da fortaleza, além de ter vivido largas temporadas em Goa. DIAS, Pedro. - *Heráldica Portuguesa ...*, pp. 58-60.

<sup>47</sup> A coleção compreende cerca de 9000 peças, das quais apenas cerca de 2000 estão expostas.